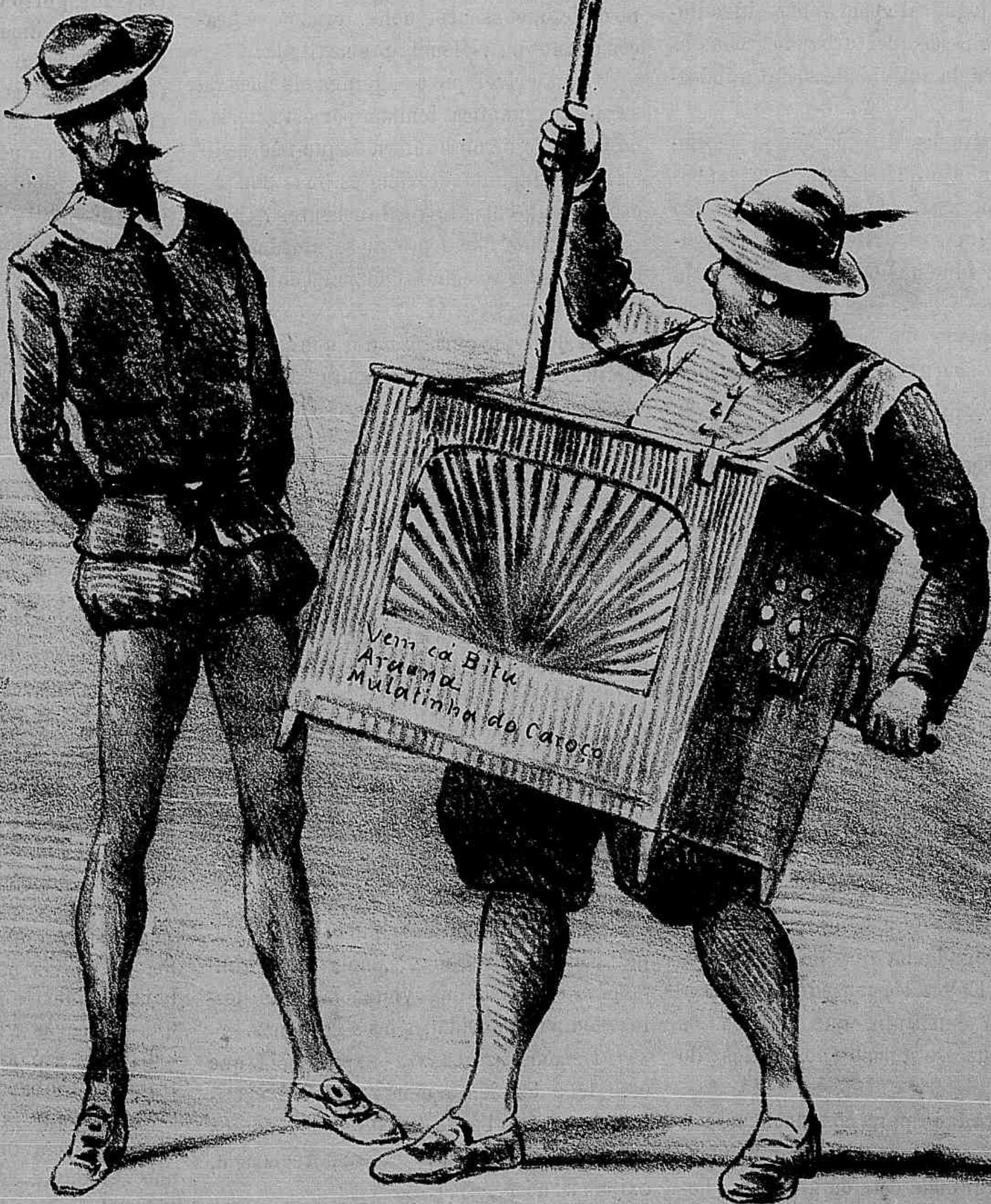


Don Quixote

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

109 Rua do Ouvidor



D.Q - Que é isso, Sancho? S.P. - Estou estudando musica para
também ser critico como as Lulus, Senior e Junior, Oscar e outros.
D.Q - Mas este cacete? S.P. - Ah! Isso hoje é indispensável para as discussões
artísticas e musicais.

EXPEDIENTE**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre 14\$000	Semestre 16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 18 DE JULHO DE 1896.

AS VIOLENCIAS

«O jogo é uma calamidade, mas o processo a dynamite é muito peior», disse ha dias um collega da manhã.

Effectivamente entre as pragas, que nestes ultimos tempo cahiram sobre a sociedade brasileira, arruinando o seu presente e compromettendo o seu futuro, poucas se poderão comparar em fataes consequencias á paixão do jogo, tal como vemos invadindo todas as classes, perturbando todas as manifestações da actividade social e industrial.

O appetite desenfreado que se desenvolveu, visando auferir lucros sem trabalho, foi um desastre. O serviço domestico anarchizou-se. As repartições publicas deixaram de ser officinas de labor ponderado e productivo.

A probidade dos empregados e dos prepostos passou a ser ameaçada quotidianamente pelo monstro voraz do vicio.

Arrastado pelo turbilhão das ambições e pelas seduções do gozo, o amôr do trabalho—este balsamo conservador de todas as outras virtudes—tende visivelmente a desapparecer'd'entre nós, e o abysmo cava-se cada dia mais fundo.

O jogo, assim disseminado por todas as classes sociaes, é pois uma calamidade, não ha duvida.

Segue-se porém que para pôr um pardeiro á marcha invasora do tyranno, devam usar-se todos os meios, ainda mesmo os da violencia mais barbara e deshumana?

Seria isso muitissimo discutivel, dada ainda a hypothese de que o processo a dynamite, empregado ha dias no Museu Cenoplastico do Eldorado, conseguisse acabar com a paixão daminha que invadiu os corações, e puzesse termo aos males do jogo.

Mas a verdade para nós inconcussa é que o vicio não desaparece sinão por momentos do logar onde estalou a bomba homicida; si foge d'aquelle antro é para

abrigar-se em outro covil; se muda de forma não muda em substancia e encontra sempre meio de satisfazer a paixão devastadora e cruel.

As erupções tremendas do Vesuvio enluctaram povoações inteiras e sepultaram já cidades; mas a ambição humana chama sempre outra vez os cultivadores da terra ás encostas do volcão temeroso. As habitações renascem das cinzas, e o desastre de uma centena de viajantes não apaga no animo de muitos milhares de outros viajantes a perigosa curiosidade de vêr de perto o monstro que brame, estremece e convulso vomita a lava rubra da morte.

Demais, o processo inaudito a dynamite é uma ameaça pavorosa, que não pode passar como precedente, e o facto é tanto mais grave quanto parece resultar dos inqueritos e dos depoimentos que a propria policia, si não teve parte directa no delicto, consentiu nelle, cruzou os braços deante da violencia premeditada.

Será crivel que os agentes officiaes da segurança publica tenham por esta forma collaborado na obra infernal, que não se limitou a afugentar os viciosos, mas fez victimas e algumas talvez innocentas?

Si viesse isto a provar-se, teríamos de lavrar a mais solemne condemnação da policia.

A doutrina perigosa de que «os fins justificam os meios» por honra da Republica não deve entrar na nossa vida social. A lei é a suprema reguladora da sociedade em que vivemos, e tudo quanto fôr desrespeitá-la de modo violento ou disfarçado será sempre funesto.

Sob pretexto identico amanhã atentará contra as nossas liberdades mais sagradas, e não haverá, garantias que resistam á violencia. Onde irá parar a Republica brasileira, si se não levanta um caloroso protesto contra similhante inimigo que desponta no horizonte?

Concluamos portanto. O jogo, tal como ahi campeia, é uma praga contra a qual todos os rigores da lei serão justificados e imprescindiveis.

A policia precisa dar-lhe batalha campal, convenhamos; mas jamais exorbitando para o terreno das violencias que deslustram as auctoridades e os governos.

Demonstra acaso a experienca que essa lei é deficiente e não precavê satisfatoriamente o bem estar da sociedade e a moralidade publica? Peçam, reclamem, exijam a sua reforma.

O que não é lícito, porque põe em ris-

co toda a comunidade social, é o emprego abusivo de processos que a civilização condena. O que não é lícito é consentir que se mate o pobre, quando os ricos ostentam casas de tavolagem em logares conhecidos, à sombra de umas tantas gorjetas com que se compra o silencio dos que poderiam e deveriam intervir. O que não é lícito é manter auctoridades notoriamente mancomunadas com o proprio vicio, e vir depois com arreganhos de honestidade vestalica esbravejar na praça publica contra o flagello.

Em uma palavra: carecemos de moralidade, zêlo sincero e respeito á lei. Haja d'isto, e as desgraças serão menores.

O OMNIOGRAPHO

Essa nova couisa em... ographo é mais uma novidade interessante que acaba de ser exposta ao publico na rua do Ouvidor, perto do *Jornal do Commercio*. Para ter-se uma idéa exacta do que é esse novo aparelho applicado á photographia, é imaginar uma lanterna magica em cujas projecções luminosas, os espectadores que se acham sentados em frente a estes vem aparecer photographias animadas e instantaneas interessantissimas.

E' o kinestocópio, em ponto grande e o effeito produzido é admiravel.

A briga de gatos e a dos gallos, a da sogra com o genro e muitas outras scenas em que figuram pessoas em pleno movimento são dignas de ver-se.

O publico pode lá ir e sem suato de ser victimado dos gatunos como receia o *Jornal do Commercio*, pelo facto de se acharem os espectadores no escuro.

Os taes amigos do alheio, ao lerem o que acerca delles escreve o illustre collega, hão de rir com certeza e dirão: Bem se vê que nada entende do nosso trabalho.

(E' o nome que elles dão ao seu... officio.)

No escuro é que não ha nada feito. Pensar que a gente pode em lugar de um broche pegar no nariz de alguma senhora, e que a luz electrica apparece com tal rapidez que nem um raio para nos apanhar em flagrante... Deus te livre!

Portanto nada ha a receiar dos gatunos. Todavia não asseveramos que não hajam roubos no escuro. Ha occasões em que as trevas vêm muito a propósito e acham-se, até, sympathicas; é quando se trata de roubar algum beijo na joven namorada que nos está ao lado, contanto que elle seja discretamente dado, para não ser ouvido. Mas... Cuidado tambem com a luz electrica!

Nossa Alfandega

Lemos, ha dias, no *Jornal do Commercio* — parece incrivel! — o seguinte :

« A medida do Sr. inspector Rodolpho Cavalcante, relativa á suppressão dos talões do pagamento na thesouraria da Alfandega, dos despachos de mercadorias, continua a ser recebida com desagrado pelo commercio importador da nossa praça, o qual se vê assim privado do unico documento que lhe era fornecido, para se certificar que os seus caixeiros ou despachantes haviam entrado n'aquelle repartição com a importancia dos direitos a pagar. »

Esta celebre medida do tal inspector ultimamente enviado para a Alfandega, afim de melhorar o seu serviço, é mais que sufficiente para dar-nos uma idéa do seu alto tino administrativo e de seus profundos conhecimentos nas mas comesinhas praticas do commercio.

E é para se acabar com as ladroeiras praticadas na Alfandega que para lá foi o Sr. Cavalcante?

Se fosse para o contrario parece-nos que não poderia haver medida mais acertada!

Receber dinheiro e em quantias avultadas, sem dar recibo algum, é uma novidade que só n'esta desgraçada e jacobinesca terra é que pôde ser innovada.

Imaginem o susto do commercio importador diante de semelhante lembrança do novo e illustre inspector da Alfandega!

Estamos roubados! gritaram naturalmente os negociantes, e lá foram queixar-se ao nosso collega do *Jornal do Commercio* que, com aquelle ar grave, meditabundo e pachorrento, tomou as dôres por elles e deitou artigo de sensação mostrando claramente, mas com toda a mansidão, o absurdo de semelhante medida.

O que não é menos para espantar é o sistema que o actual inspector quer adoptar em substituição ao talão-recibo que elle supprimiu.

Entregar a importancia de um despacho e receber logo o competente recibo era cousa simples demais para um paiz como o nosso, em que o sistema do papelorio chegou ou antes passou da altura de um principio, de muitos principios até.

Lembrou-se portanto do seguinte :

Recebe-se o cobre mas não se dá recibo. Se o negociante quizer um documento, terá o direito de requerer certidão de haver feito o pagamento ou por outros meios compatíveis com a sua accão individual ou interesses commerciales.

Esses taes *meios compatíveis* que não entendo e me parecem meios nephilibatas, são inteiramente incompatíveis com o bom senso que deve ter todo individuo ocupando cargo tão elevado como é o de inspector de uma alfandega.

Querer substituir um sistema facil, economico e rapido por meio de um exercito de empregados incumbidos especialmente de desparchar inumeras certidões de pagamentos, recheadas de muitas estampilhas, n'uma alfandega como a nossa, que recebe milhares de contos mensalmente, é na verdade de uma estupenda e muito comprobativa prova do alto

tjno administrativo e economico do Ex. o Dignissimo Sr. Inspector da Alfandega.

E dizer que quasi todas as repartições publicas têm capacidades desta ordem para dirigil-as!

Pobre Brasil !

X.

CHARADA POLITICA

Bifâmos á interessante secção charadistica do *Jornal do Brasil* a seguinte, que não sendo muito facil não é comtudo das menos engenhosas :

Começa nas glycerinas — 2
Acaba dentro do sério — 2

CONCEITO

Nascido lá em Campinas
General — mas não do imperio !

Premio ao primeiro decifrador exacto : uma cadeira de deputado pelo 3º distrito da capital federal nas proximas eleições triangulares.

THIAGUINHO.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

LÉO A TONY

— Sabes Zé Carlos entrou para Pantheon Glorias Nacionaes?

TONY A LÉO

— Sei que entrou Pantheon Sallesplastico com bomba de S. João dynamitica.

LÉO A TONY

— Não é isso. Zé Carlos defende corridas attaca bichos; então entrou attacando bichas Pantheon Nacional... •

TONY A LÉO

— ... Cunhaplastico, sei. Mas o tiro saiu pela culatra; da cousa só se salvou irmão ministro, e uma patente de invenção.

LÉO A TONY

— Tu um idiota. Policia muito contente porque ella mesma faz inquerito; Zé Carlos muito satisfeito porque é deputado tem immunitades; Cunha Sallesplastico segue com esperança photographica Tiradentes e bicharia. Tudo fica como era.

TONY A LÉO

— E cadaver esteve na pharmacia?

LÉO A TONY

— Besta! Cadaver já foi enterrado. Inquerito continua. Noticiario jornaes continua. Jogo de bichos continua. Pilheria de imprensa continua. Mandado de manutenção continua. Bandalheira continua...

TONY A LÉO

— Continua tu agora...

LÉO A TONY

— Ora fomenta-te! Jogo é jogo, lei é lei, e mandados de manutenção, habeas-corpus, e ou-

tras cousas, é genero que se encontra alli assim no Largo da Sé, tres por douz vintens!

Conforme os originaes,

GIL.

(Nota — Este telegramma pagou porte dobrado — primeiro porque veio em cifra; segundo porque o Sr. Léo no seu ultimo despacho fez descompostura e não um despacho telegraphico conforme aos codigos).

GIL.

BANQUETO

Sumptuosa a festa que uma commissão de amigos e admiradores do Dr. Assis Brasil lhe offereceu no vasto salão do Cassino Fluminense.

Alta politica, alta commercio, alta imprensa, alta litteratura, alto funcionalismo, alta arte — tudo quanto ha de alto tomou parte no banquete; os discursos foram poucos e os aplausos, muitos.

De entre os discursadores destacou-se Coelho Netto, que produziu uma bella oração litteraria, que rematou saudando o grande artista da lingua portugueza, Eça de Queiroz.

O Sr. Dr. Manuel Victorino, vice-presidente da Republica e presidente do banquete, poz termo aos brindes fazendo um discurso inspirado — inspirado como o archanjo S. Gabriel, fallando para o Ideal, com uma gesticulação academica muito expressiva e olhando para o Infinito, como convém a um orador reputado.

O Sr. Ministro das Relações Exteriores discordou em seu discurso do que dissera o Dr. Assis Brasil, com relação ao principio dos romanos — *si vis pacem para bellum*, e a propósito emitiu uns conceitos fortes, robustos e ultra diplomaticos.

Emfim, foi uma festa extremamente interessante, na qual D. QUIXOTE tomou parte, e razão pela qual agradece o convite com que para a mesma foi distinguido, e na qual teve ensejo de aprender os mais sãos principios da mais correcta diplomacia, postos em evidencia pelo nosso ministro das relações exteriores.

O CASO FORT

Uma commissão de estudantes veio a nosso escriptorio referir que estava disposta a não permitir a entrada do Sr. Dr. J. I. Fort no edificio da Faculdade de Medicina, visto que este cavalheiro de industria medica insultou a classe medica e academica brazileira, em uma cousa em forma de livro que publicou algures.

E' nossa opinião que a mocidade academica não dirigiu para bom alvo seu justo movimento de indignação: o Sr. Dr. Fort não é a primeira vez que nos aggide, e nem a primeira que nos visita, fazendo de cada vez que por cá apparece um estardalhaço retumbante, que lhe rende em todo caso alguma cousa.

Tomal-o a serio não é conveniente nem sensato, pois que o que elle visa é justamente o *reclame*, seja de que natureza fôr.

Periodicamente esse anatomista, que se diz cirurgião, vem ao Brazil fazer das suas. Pois deixemol-o entregue a si mesmo, já que nos aborrece e amolla, com as suas insistentes tentativas de fortuna n'este paiz, que elle julga, de bugres.

Cá por mim o digo: *c'est trop Fort*

M. S.

O Habedas Corpus e a Policia.



Supponos que um gatuno rouba a carteira de um cidadão. Este corre atrás e grita:

- Pega ladrão!

Supponos - o que nem sempre acontece - que o gatuno é preso e metido no Xadrez.

Apresentar-se logo um advogado ou rabula para visitar o amigo... do Xadrez?

Então, quanto me dás para soltar-te?

- O mesmo que das outras vezes: Uma parte para si, uma para mim, e outra para o parceiro a quem passei a carteira.

No dia seguinte o advogado aparece com o competente mandado de soltura, assinado pelo Juiz, em virtude do Habeas Corpus requerido. E o larápio é solto.



Semelhante lei não agrada ao Sancho. Se elle fosse a polícia, meteria o gatuno no Xilindro com todas as formalidades do estyo.

PANTEON CEBOPLASTICO
CUNHA SALLES

E se aparecesse o advogado, para lá, iria também;

E se appellesse para o Juiz, meteria igualmente o Juiz no Xadrez!

E se este invocasse a lei,



Pois que vai também a lei! Mas a lei foi feita por um congresso...



Não ha dúvida. Xilindro para o tal congresso.



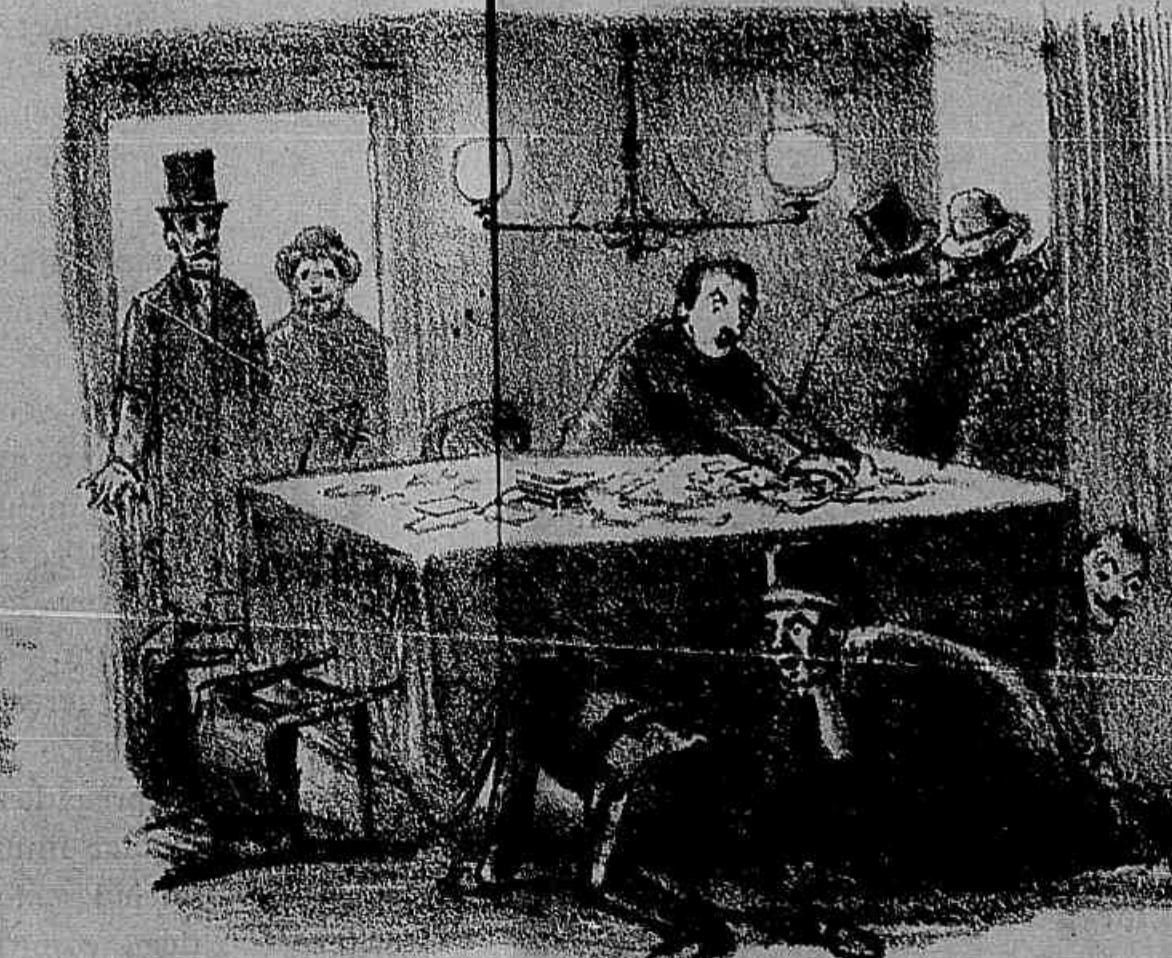
E pediria ao actual de acabar com tão escandalosa lei, substituindo-a por outra mais séria e mais honesta.



A tal lei também serve de pretexto para proteger toda espécie de especulações e jogatinas mais ou menos desenfreadas e bicharadas, que a Policia quer impedir e que os Srs juizes não querem. - Fechá! Não fecha!

De onde... grande conflito entre a polícia e a magistratura.

Isto é um grande desafogo e quero acabar com esse maldicto jogo! Apoiado, mas... caridade bem feita começa por casa. Policiemos a polícia



E dando uma buscasinha em certos lugares, veremos que nem todos os policiais e magistrados abrem conflito, quando se trata de puxar a orelha da zota.



Que também ha policiais que não veem certas casas e entretanto percebem... uma verbasinha que se não é oficial não deixa de ser secreta; muito secreta até!

E acerca do jogo dos bichos, se estes saísssem, de repente, das algibeiras de alguns para ir ter com o chefe, o gabinete do Dr André Calvanti transformar-se-ia em rolosat minagerie.



anutoridades da Praia Grande... até que Valentim Magalhães tirou um verso que teve papel em que aparecesse e em que

Projecto de retrato a óleo a fazer-se por subscrição, e oferecido ao Ex.º Sr. Chefe de Policia por todos aquelles que foram vítimas dos gatunos e do Habeas Corpus e foram queixar-se à Policia.



A SEMANA

O Habeas Corpus e a Policia.

São Carvalhos os donos da terra,
Os Carvalhos aqui são mandões;
E os Carvalhos que vivem na berra,
Os Carvalhos são dois figurões.

Se elles juntos à luz não vieram,
Não importa, — são nédios e sãos !
Gemeos ambos os dois não nasceram,
Mas nas artes são gêmeos irmãos.

Assim pois a semana ocuparam
Elles sós, os Carvalhos, os dois ;
E as proezas que os dois ensaiaram
As gazetas contaram depois.

Foi notável, causou alvoroço,
Foi glosado, fallado, cantado
O famoso, o fantastico almoço
D'um Carvalho... mas bico calado !

Só ministros sentaram-se à mesa,
Estrangeiros e nacionaes,
E ainda hoje, com toda o certeza
Estão todos pedindo por mais.

Foi a dedo escolhido o menu
(O Carvalho chamava o menu)

Houve lá
Paraty,
Carurú,
Vatapá.

A pimenta ninguem desprezou,
O Carvalho fez um figurão :
— Sr. ministro, não quer quigombô ?
Vae tão bem misturado ao feijão...

— Olhe ahi, Sr. ministro, a moqueca,
Foi feitinha por mão de sinhá!
S'tá tão bom esse arroz de marreca...
— Sr. ministro, não vae ao fubá ?

Tem angú de quitandeira,
Mas se quer o meu conselho
Prove aquella frigideira
E coma mulato velho.

Almoço assim nunca vi,
Festa assim outra não ha,
Bom tutú,
Paraty,
Vatapá,
Carurú !

Foi aquillo uma festa de truz,
Nacional como o que mais o é.
E no fim houve ainda cuscús
Com assucar, manteiga e café !

Deste almoço diplomatico
Desse Carvalho magnifico,
Que foi para muito hepatico
Infallivel específico,
Passo, ao Carvalho sarcastico,
Que, segundo diz a critica,
Atirou no Ceboplastic
Uma bomba dynamitica.

Causou ella grande panico
Cunha Salles ficou livido,
Mas depois feio e vulcanico,
Hirto, apopletic, vivido,

Reclamou por um inquerito...
E deu-se o caso phantastico
De delle sahir loterico
O Pantheon Ceboplastic.

O' Carvalho demoniaco !
O' Salles encyclopedico !
(Valha-me o sal... amoniaco,
Ou antes o Brasil medico).
Pois tu, Carvalho satyrico,
Foste deixar apopletico
O melhor doutor empirico,
O sabichão mais ecletico ?

E tu, Salles, homem pratico,
Que a sério tomaste a pandega
Do Carvalho, o problematico
Moralisador da alfandega ?
Paciencia, deixa o bombastico
Carvalho (que rima euphonica !)
Deixa em paz o Ceboplastic...
E ás moscas vos deixa a Chronica.

F. MENDES.

RABISCOS

Depois de tantos suicídios, concorrentes assassinatos e demais desastres da Central, que os nossos noticiarios têm registrado, seria lícito aos leitores suporem que eu teria ido de embrulho em um d'esses insucessos...

Não. Ainda vivo, mercê de Deus, e mesmo porque não pertenço á congregação da Escola Polytechnica, pois que se o fôra, a estas horas estaria suspenso por tres meses, de exercicio e de vencimentos.

E o que não deve ser nma situação muito agradavel, nos tempos calamitosos que correm... principalmente quanto á questão dos vencimentos !

Cá por mim, tenho que a suspensão foi merecida.

Os senhores lentes da Polytechnica em vez de ensinarem aos alumnos, com elles parece que aprenderam. Fazem parada, anarchisam o trabalho, rebellam-se contra o poder superior e declaram-se em grève, sem se recordarem de que esse espirito de rebeldia não vai bem de acordo com os codigos do ensino e que seu procedimento deveria ser outro, em caso de verdadeira offensa ao seu carácter...

O procedimento dos Srs. Alvaro de Oliveira e Lutz, por exemplo, jubilando-se um e outro pedindo sua demissão — tudo correctamente, gravemente, legalmente.

Mas o caso é d'elles e com elles e eu só posso aqui ensaiar um commentario, tão inocuo quão despido de má vontade. E mesmo esse commentario eu me eximo

de traçar, mesmo porque os lentes rebeldados e suspensos consta que vão appellar para o juiz seccional — e o que equivale dizer que Suas Senhorias vão ter pela certa um habeas-corpus, um mandado de manutenção ou prohibitorio, ou que lá é, que lhes garantirá a effectividade do exercicio dos seus cargos e da percepção de seus vencimentos.

Tão certo isso é, tão garantidos estamos nós em todos os casos, perante o juiz seccional, que eu ainda espero, da primeira vez que tiver contenda com minha respeitável e execranda sogra, requerer a esse juizo qualquer cousa em meu favor e obtel-a, ainda que seja pôr a lingua da sobredita minha sogra de conserva durante trinta dias !

E' que hoje em dia não ha como o juiz seccional e a lei Campos Salles, para livrarem um homem — mesmo que seja um genro — dos maiores e mais complicados apertos...

Vejam o que conseguiu a tal firma das carnes verdes — má côr tinham ellas ! — de Nictheroy, que entrou aqui pelo districto federal a vender o seu producto esverdeado, sem pagar as contribuições respectivas á prefeitura do districto e ainda por cima anda a descompôr aquelles que por um contracto com a mesma prefeitura tinham assegurado o seu direito de fornecimento de carne á nossa população !

Todo o mundo vê e reconhece que o direito é dos Srs. Azevedo Mattos & C., que se propuzeram a esse serviço em concurrencia publica, foram aceitos e obtiveram um contracto em regra; todo mundo vê e reconhece que os mesmos Azevedo Mattos & C. matam os bois de que carecemos e os vendem a 600 réis o kilo, segundo se comprometteram; todo o mundo vê e reconhece que naturalmente Azevedo Mattos & C. despesceram muito, e grandes capitais devem ter empatados na empreza, para cumprirem com exactidão o seu contracto.

Mas ha uma pessoa que não vê nem reconhece isso: é o Sr. juiz seccional, que não conhece a prefeitura, nem o contracto, nem a questão, nem a carne — más sómente a lei, que feita para casos geraes e de sua natureza subjectivos, não podia attender a casos particulares, positivos, em que o direito deve ser de interpretação e applicável á especie nova, tão clara como a agua pura e tão evidente como a luz do sol !

D'ahi um mandado prohibitorio, segundo o qual a população do Districto Federal tem de comer á força carne de Maruhy e os contractos da Prefeitura do Districto Federal de ficarem á mercê das

auctoridades da Praia Grande... até que a sentença do Supremo Tribunal produza seus efeitos.

Bem vêm que tenho razão quando digo que com o Juizo Seccional me arranjarei seja como fôr, seja quando fôr, em qualquer questão e em qualquer terreno.

Um requerimento... duas palavrinhas doces... a lei... a justiça... um, dous, tres... passe — e obtenho um mandado em meu favor, de manutenção, prohibitorio ou de outra qualquer denominação.

E é por isso, que, por agora, limito-me a pedir ao Sr. Juiz Seccional um mandado de circulação... para estes meus Rabiscos.

LÉO.

Echos de um banquete

Entre outros incidentes cômicos e rhetoricos do banquete oferecido ao illustre diplomata Assis Brasil, pudemos colher as seguintes phrases pronunciadas por um orador senador:

«... nós que já temos os vícios nacionaes...»

O SR. ANDRÉ CAVALCANTE (*aparte e rançoso*): O jogo dos bichos!

E encarou com odio os Srs. Camello Lampeira e os dous Coelhos, Netto e Rodrigues.

Do mesmo orador senador:

«... pois que as nações são como as mulheres: tem o seu periodo de retrocesso...»

Varias senhoras que da galeria acompanhavam com osolhos as funcções gastronomicas da mesa em U, aproveitaram o ensejo para tos-sir, e de modo assás expressivo.

Julião Machado, o emerito caricaturista, aproveitou o intervallo entre o perú e a couve-flor, para mostrar aos vizinhos de mesa o seu relógio de prata, velha peça, que no tampo exhibe em relevo um navegante no tombadilho do navio, a pensar na morte da bezerra.

— Mas que é isto? perguntaram-lhe.

— É uma reliquia do seculo 17º, dizem-me que este é Christovão Colombo, no acto de descobrir a America.

— Entretanto, o tal capitão do barco está vestido de sobrecasca, cousa essa que por aquelles tempos...

O Julião, muito sério:

— Pois se é justamente isso o que o escar-galha!

Por fim os convivas atiraram-se as balas de estalo, buscando ler os bellos versos allusivos ao acto, e alegrando-se n'um passa-tempo innocente, enquanto o Sr. Serzedello Correia, do outro lado, nem discorría nem chorava, por não lhe ter o senado restituído as dragonas de coronel.

Valentim Magalhães tirou um verso que dizia:

« Vivam os donos da casa,
« E vivam os convidados.
« Anos de tanta grandeza
« Sejam sempre decantados.

Ficaram anonymos esses annos, já se vê.

Filinto de Almeida foimais feliz. Coube-lhe em sorte o seguinte verso, que andou de mão em mão:

« Casareis c'um portuguez,
« Rico mais não de brinquedo;
« Gastará os bens com outras,
« E vós chucharás no dedo.

Com o que foi muito saudada a casa Paschoal, e novo brinde foi levantado á colonia portugueza, á diplomacia, ás artes e ás letras.

E a orchestra executou uma walsa.

FELIX.

THEATROS

Muito movimento, em todas as casas de espectaculos, e sobretudo uma superabundancia extraordinaria de concertos, classicos, populares, symphonicos, et d'autres, que se d'esta vez não nos concertam o nosso apoucado gosto pela musica, é que decididamente nós não temos geito para a cousa.

Acresce que os taes concertos, tão numerosos quanto profundamente artisticos, vieram deleitar-nos por uma forma muito diversa e que de nenhum modo figurava nos programmas.

Refiro-me ás discussões entre os criticos lyricos, que andam a fazer uma concurrence desleal ás mozinhas do *Jornal do Commercio*, e que mutuamente se chingam de burros, como se fôra essa uma cousa muito natural e muito sabida.

Pura modestia, está bem visto que é o unico movel que induz esses elegantes chronistas a se amíssarem com tão bellos epithetos! E, lá diz a grammatica de Sevène: *la modestie plait*.

E esse exemplo de Sevène é tão conceituoso como o que nos dão os citados criticos quando se descompõem a valer, nas columnas dos seus respectivos jornaes... para agradar as galerias.

Fóra dos concertos, que tão desconcertada têm trazido a critica indígena (a composição tem o costume de entender — *indigna*) tivemos a *Bilha quebrada*, no Apollo, que alli sucedeua ao *Bibi & Companhia*; a *Morgadinha de Val-Flôr*, no Lucinda; a *Aranha de Ouro*, no Eden; e a volta da companhia Ismenia dos Santos, que ora assestou seus arraiaes no theatro Sant'Anna.

Ah! Esquecia-me notar que a *troupe* do Sr. Tomba representou e cantou o *Velho da Montanha*, uma fantasia theatral que não é magica nem operetta, mas que pretende ser ambas as cousas; e que representou-a e cantou-a para as cadeiras vasias, visto que o nosso publico já não é tão tolo que engula d'esses bagaços, que à força de espalhafatosos cartazes lhe querem impingir.

Da tal *Bilha quebrada*, nem sei que lhes diga... Tão fraquita é a peça, que nem se pôde comprehender como a puizeram em scena, sem receio de comprometter os pobres artistas encarregados de seu desempenho!

D'estes, apenas um — a Sra. Thereza Mat-

tos — teve papel em que aparecesse e em que mais uma vez ella revelou o seu grande talento; todos os mais são verdadeiras *pontas*, que mesmo sendo pontas não têm por onde se lhes pégue!

Quebrada, a tal *Bilha*.

X

Da *Aranha de Ouro*, do Eden, acho-me até certo ponto inhibido de dizer.

Até certo ponto, é uma historia, pois a todos os pontos eu nada posso adiantar sobre a peça, porque em primeiro lugar e antes de tudo, eu não assisti a ella.

Aquelle «até certo ponto» refere-se ao facto de achar-me alistado entre os que combatem a exploração das crianças que n'aquelle theatro se desengonçam todas as noites, para o fim muito legitimo e muito generoso de... de regenerar a arte dramatica nacional.

E se querem saber da *Aranha de Ouro*, fallem a A. A., o folhetinista theatrical da *Noticia*, que ainda esta semana disse a respeito cousas poucas, mas boas.

X

Alli assim, no Lucinda, deram-nos como palpante novidade a *Morgadinha de Val-Flor*.

Em verdade, o publico que correspondeu ao appello dos cartazes não foi roubado: novidade, teve. Como a peça, por ser inteiramente desconhecida dos artistas da companhia, estava mal estudada e mal sabida, o publico que a conhece de cór e salteado, divertiu-se muitissimo em ver toda aquella gente andar ás apalpadellas, e esteve quasi a soprar a Luiz Fernandes a tirada:

« Crianga louca, sabes tu que é a Morgadinha? Brisa que o lago encrespa e velharia que já não presta !

Não foi uma novidade ?!

X

A reaparição da companhia Ismenia não foi muito afortunada com o *Aquidaban*, essa revista desconjunctada, que só merece uma referencia pelo relevo que a Sra. Lopiccolo dá aos seus papeis, constituindo ella, só e unicamente, todo o interesse da peça. Por isso, o abandono em que se viu o theatro Sant'Anna foi mais que justificado.

Na *Paquita* reappareceu o nosso Peixoto, um comicó que é o *enfant gate* da platéa fluminense; e particularmente cá com a pessoa, um camarada que eu vi estrear, a quem acompanhei sempre com o maior afecto em seus progressos na scena e que tenho o prazer de ver ocupar um lugar saliente entre seus collegas — e logar conquistado a golpes do trabalho e a força de estudo.

X

Volto aos concertos para dizer que temos applaudido com as mãos ambas os dous artistas portuguezes Vianna da Motta e Moreira de Sá — um no piano, outro no violino — que depois de se apresentarem nos concertos populares, agora realizam os seus tres concertos, sendo de cada vez que se apresentam em publico merecidamente vitoriosos.

São dous artistas de primeira ordem.

X

Yvonne, a do *cabaret* Lavradio, reune na sua saleta uma escolhida sociedade e facultanos uma approximação do Bruant, que muito tem agradado.

Boa recitação, cançonetas vivas, *chopp* agradavel, palestra animada, espirituosa e atraente, tudo dirigido por esse bom rapaz que por um equívoco de natureza nasceu mulher — a Yvonne, — eis o que se tem depois das onze da noite no *cabaret* Lavradio.

E' um excellente ponto de reunião — que tambem presta-me o excellente serviço de ser o ponto final d'esta secção theatrical.

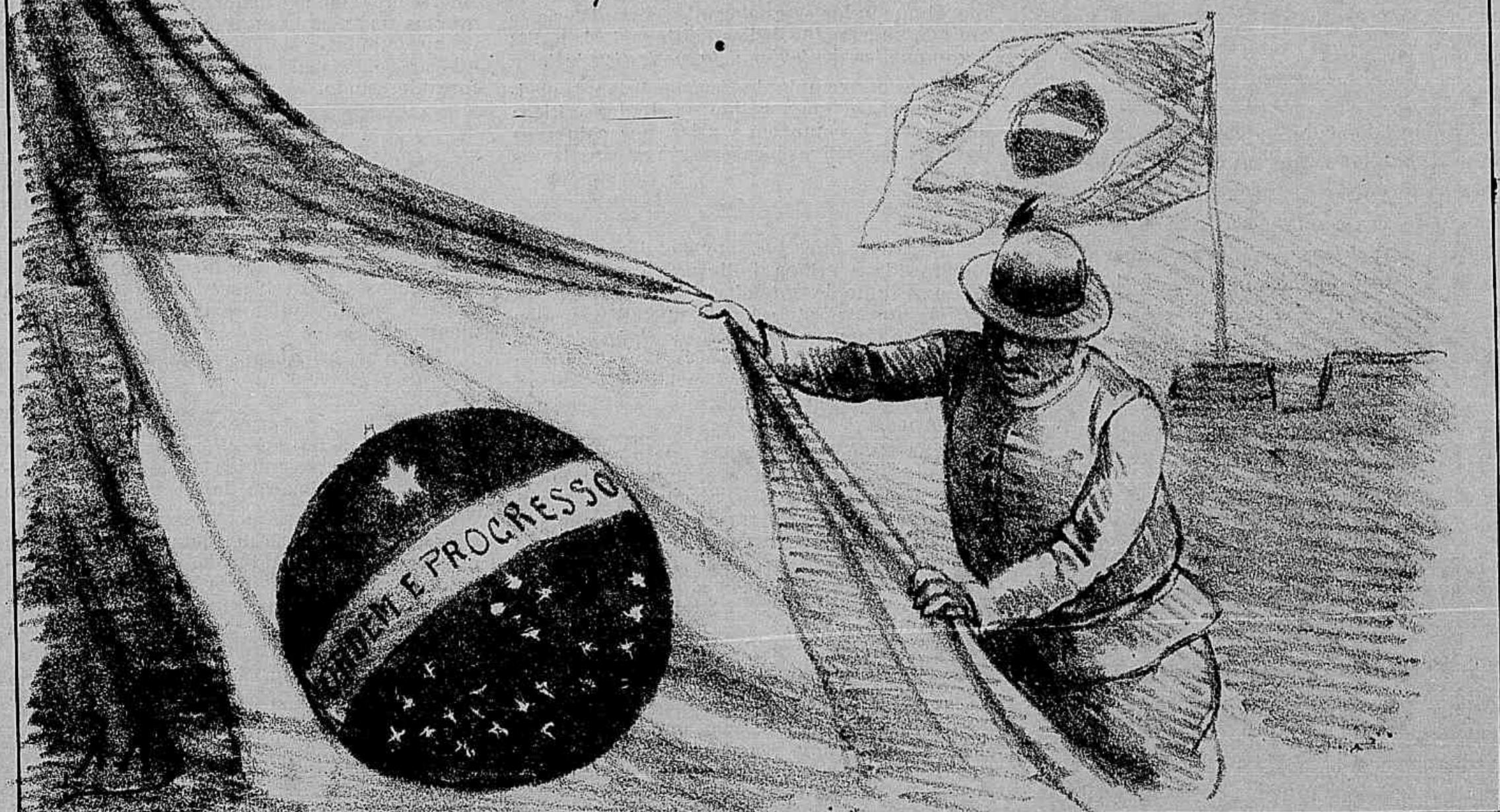
TONY.



A bernarda sangrenta do Eldorado, no Pantheon Ceboplastico.

Não morreu nenhum bicho. Apenas conseguiu-se espantar os

Em troca, muitas pessoas foram feridas e um preto morto. Dizem ser quem
atirou a bomba! Castigo do Céo! Quem com abóbora fere, com pepino morre!



Não se pode approvear semelhantes medidas tão violentas. Todavia é forçoso confessar que elas estão de perfeito acordo com a tal melancia que nos parece, hoje, ser uma bomba, e com aquele distico que os positivistas ironicamente puzeram n'ella. Se com todas essas bernardas temos de ver estrelas ao meio-dia, é forá de duvida que todas essas que ahi vejo tem significativa applicação.